

# Pedro e Inês

Um conto do primeiro confinamento (2020)

**O** meu nome é Pedro. Dom Pedro de Noronha, fidalgo do Porto da real casa de Bragança. Fui caçador de leões e bestas selvagens em África. Não saio de casa há anos, vivo na minha mansão nos Lóios. Não preciso de mais nada. Tudo o que se vê aqui há volta é meu, os casebres da criadagem, as ruas cinzentas nesta tarde chuvosa e lamacenta, a gente que corre sem saber para onde vai. O Porto ficou cheio de gente suja e triste, de gente que já não sabe o seu lugar e por isso corre desenfreada, sem trato, com conversas rápidas e fáceis. Nada do que vale a pena dizer merece ser dito a correr. Esta cidade perdeu o compasso da moral e bons costumes, perdeu a dignidade inabalável e dura com que o granito das serras molda a alma. Os tempos modernos amoleceram as gentes e fez-lhes perder o respeito pela aspereza da vida. Vejo tudo da janela da minha casa, um senhor a vigiar os seus domínios.

Aqui à frente, num prédio com azulejo azul, na janela do segundo andar, vive a menina Inês, uma criada bonita com uns lindos olhos negros e vestidinhos curtos, a minha criada favorita. A menina Inês vem cá a casa todas as semanas trazer-me os sacos de compras. E eu não saio de casa à espera da próxima visita. Nunca sei quando ela vem, por isso não saio de casa, para evitar que ela fique triste se vier à casa grande e eu não estiver aqui para lhe abrir a porta. Fico à janela a ver correr os dias, a ver as pessoas tristes e sujas que passam nos seus afazeres quotidianos, à espera da menina Inês. Pobres coitados. A culpa é da república, deu ilusões e promessas ao povo para quê? Para nada, só aumentou a quantidade de gente que passa por esse meu Porto e o devora em fumos de carros, lixo nas ruas, poças de água na tarde chuvosa de abril. Já não há nada para ver lá fora que valha a pena.

A única coisa que vale a pena é ver a menina Inês, na varanda do seu pequeno apartamento do outro lado da rua. A minha rua. Chega pelas 7h da tarde, pousa as coisas que trouxe da cidade e deve ir para dentro tomar banho e trocar de roupa. As 8h, todas as noites, ela coloca-se na janela para fazer ginástica. Eu abro a grande janela e espero por ela.

Hoje vem vestida de azul. Azul é Beethoven. Coloco o disco e ligo o volume no máximo, deixo a música vibrar e sair para a rua. É o meu presente para estas gentes, para esta cidade. A música que lhes dou. Azul é Beethoven, roxo Rachmaninov, preto é Chopin e branco é Bach. Adoro quando ela vem à janela preparar-se para a ginástica, com uma camisolinha de alças, um decote bonito a adivinhar os seios firmes. Mas hoje é uma malha azul, tem estado frio apesar de já ser abril. Beethoven. Abro mais a janela e deixo a música sair. Acendo o meu charuto cubano e fico a vê-la fazer ginástica na varanda.

De resto, não vou à rua há mais de dez anos. Fico no meu palácio, entre os quadros dos grandes artistas, as aguarelas da cidade do meu amigo Júlio Costa. Com os meus livros e discos. A menina Inês traz-me as compras e de resto não há nada nessa cidade que me faça falta. A cidade abandonou-me, virou-se contra mim, ficou podre, pobre e feia. Ainda tentei sair umas vezes depois da minha Carmo partir, mas as ruas fazem-me lembrar os passeios pelos Aliados até à Ribeira, com um livro na mão para ver o rio nas tardes de verão, sentir o calor do sol na cara, cheirar o aroma das laranjas e tomar um café a ver o rio cintilar com mil diamantes, aquele rio luminoso em que o Norte granítico e chuvoso entra no Atlântico, amantes num amor languido e sereno de agosto ou violento e tumultuoso de janeiro. Essas memórias são demasiado dolorosas. Além disso, a cidade foi invadida por estranhos, turistas, lojas chinesas, restaurantes barulhentos, estudantes bêbedos sem respeito pela capa negra. A minha Carmo dissera que ia indo à frente ter com o nosso rapaz, junto de Cristo. Não sou religioso, mas a Carmo era. E por isso decidi ir indo à frente. Fui com ela à igreja do Carmo, que ela tanto gostava e depois deixei-a no Prado do Repouso, despedi-me dos amigos que nos tinham acompanhado e caminhei sozinho até S. Lázaro, passei a Batalha e desci 31 de Janeiro em direção a São Bento. A rua, outrora vibrante de boutiques chiques para as damas da cidade, estava hoje com lojas a vender bugigangas baratas. Um tipo mal-encarado deu-me um encontrão e atirou-me à cara, “Vê lá por onde andas, puta do velho”. A cidade ficara esburacada desde as obras da capital europeia da cultura e nunca mais se recompusera. Continuava esburacada e assim ficaria, purulenta e doente, com cicatrizes tristes nos prédios cinzentos e podres de Campanhã a Santos Pousada até à Ribeira e à Rua das Flores. Tinha ficado tudo um manto vazio de gente mal-educada, enquanto os fidalgos se mudavam para Lisboa. Raios os partam a esses burgueses que abandonaram a cidade para a capital.

Depois disso, não voltei a sair. Quero lembrar-me da cidade como ela era, elegante e refinada, com a honra das gentes duras do Norte. Quero lembrar-me dos passeios entre a Lello, que visitava religiosamente todos os sábados, e o café Majestic para tomar um cimbalino e ler o jornal. Quero lembrar-me do Passeio Alegre que visitava com a Carmo, apanhávamos o elétrico todas as segundas e quartas à tarde quando as gentes buliam no centro da cidade e deixavam em paz o mar e o rio naquele jardim de palmeiras. Quero lembrar-me das tardes de domingo, quando o nosso rapaz almoçava connosco e depois nos conduzia até ao jardim Velasquez tomar chá com uns casais amigos em casa da Dona Anitas. Era advogado, o nosso filho, o Dr. João de Noronha. Tinha um carro japonês, um Nissan, e era um advogado respeitável, o nosso João. Depois decidiu ir para o Brasil. Encorajei-o, contra a vontade da mãe, os homens têm que se fazer ao mundo à conquista. Casou por lá, falávamos por telefone todos os meses. Mas mataram-no. Num assalto, para lhe roubarem o relógio e uns trocos. O respeito desapareceu do mundo, onde já se viu, o povo a assaltar um fidalgo em plena rua e ninguém fez nada. Foi em 2005, no ano em que o João fazia trinta anos. Tinha prometido vir ao Porto com a filha e a mulher, para os conhecermos. Já não vieram. A minha Carmo foi-se abaixo e decidiu partir pouco depois, não durou mais de dois anos. Em junho de 2007 fiquei sozinho e não voltei a sair de casa. Já não há nada que interesse ver lá fora. E a menina Inês pode vir trazer-me as compras e ficar triste se não lhe abrir a porta. Estou em confinamento voluntário no meu palácio, como se fosse um mosteiro – quem diria, eu que nunca fui religioso...

\*\*

O Sr. Pedro vive do outro lado da rua, num casebre podre com uma horta que em tempos já teve rosas e alfaces, quando a mulher, a Dona Carmo, era viva. Hoje é uma casa triste e abandonada. Sei que ele me observa, todas as noites quando vou à varanda fazer ginástica. Deve ter sonhos eróticos comigo, mas não me importo. É um velho coitado para ali atirado no fim da sua vida.

O meu pai deixou-me este prédio no largo dos Lóios, juntamente com aquele casebre do outro lado da rua que está arrendado ao Sr. Pedro. Vivo aqui desde que me lembro. Tenho meia dúzia de inquilinos que me pagam ao todo menos de 300 euros por mês. O meu pai, o Sr. António, abriu o café no rés do chão deste prédio quando chegou ao Porto vindo

da aldeia com a minha mãe. Depois conseguiu poupar para comprar o prédio todo e aquele do outro lado da rua, com a ilusão de que a propriedade lhe daria conforto na reforma. As rendas estavam congeladas há décadas e eram devoradas pela inflação, pelo que ele teve que continuar a trabalhar no café até eu acabar o curso de enfermagem. Quando ele morreu deixou-me em herança dois trabalhos: estes prédios cujas rendas não cobrem as despesas, e o ritual semanal de deixar as compras ao Sr. Pedro. Tenho a chave do correio dele e todos os meses lá vou buscar o cheque da segurança social que depois vou levantar. Mal cobre as despesas das compras que lhe deixo, quanto mais a renda.

Dizem que ele é de boas famílias, um fidalgo antigo da cidade. O avô dele era almirante de navios do bacalhau e perdeu a fortuna da família no jogo. Ou na crise dos anos 30, que é quase a mesma coisa. O pai do Sr. Pedro reconquistou fortuna com uma fábrica. Já não me recordo de que era a fábrica, apenas me lembro desde pequena apenas disso, a fábrica. Os prédios eram dele, do pai do Sr. Pedro. Mas depois a fábrica faliu e foi quando o meu pai comprou este prédio onde tinha o café e a casa em frente, que tem ares de uma fortuna decadente e hoje não passa de um casebre apoiado nos prédios de cada lado para não ruir. Tem um quintal por trás, com gatos em cio e gaivotas perdidas da Ribeira. A janela da sala onde a Dona Carmo me dava aulas de piano dá para o quintal onde outrora o aroma das rosas inundava as tardes de primavera enquanto eu tocava a escala harmónica e tentava uns acordes dos clássicos. A Dona Carmo tocava bem, magnificamente, e o Sr. Pedro deixava-se ficar no sofá da sala a ouvi-la nas tardes quentes de primavera. Depois eu chegava, uma criança ainda com sotaque da aldeia, e ficava fascinada com aquelas maneiras senhoriais do casal Noronha. Ouvi quando menina o meu pai dizer que o Sr. Pedro emigrara para Angola depois da fábrica fechar, para refazer fortuna. Mas havia uma maldição naquela família. O avô almirante do bacalhau perdera-se em dívidas de jogo nos anos 30. O pai conseguira refazer a fortuna da família, mas a fábrica deu problemas. A minha mãe trabalhava na fábrica do Sr. Noronha, era telefonista, e o meu pai alugava o café do prédio do Sr. Noronha. Quando a fábrica faliu, eu devia ter uns cinco ou seis anos, lembro-me de ver o Sr. Pedro todo aperaltado de fato e gravata quando partiu para Angola. Foi nessa altura que o meu pai comprou o café e os dois prédios.

Uns anos mais tarde o Sr. Pedro regressou, em 76, fugido da independência, sem nada a não ser o seu curso de engenheiro e os seus modos elegantes. Foi por essa altura que

comecei a ter aulas de piano com a Dona Carmo. O Sr. Pedro era engenheiro nas Águas e continuava a tratar aquela rua como se fosse sua, apesar de já não ser mais do que um inquilino do meu pai, a pagar 20 escudos por mês. O meu pai queixava-se que as rendas não davam para pagar os custos, mas sentia nele um orgulho de proprietário. Lembro-me bem do cheiro a água de colónia forte e cigarros baratos do Sr. Pedro quando os visitava para as aulas de piano. O Sr. Pedro ficava uns minutos a ouvir as escalas e depois saía para ir ao Ateneu jogar cartas. O filho deles, o Dr. João, acabado de sair da universidade, trabalhava na Boavista e vinha aos domingos almoçar. Depois levava os pais a passear no seu carro japonês, um Nissan azul.

Foi o meu primeiro amor secreto, o Dr. João, nos meus quinze anos. Devia ter uns dez anos a mais do que eu, com a barba firme e negra de um galã dos filmes. Lembro-me de me ter levado a passear até ao Passeio Alegre uma tarde de sábado. Comprou-me um gelado e passeamos junto ao mar. Deixei um beijo fugidio e envergonhado de que ele se riu com ar trocista como se eu fosse uma garota inexperiente. Passei a ter explicações de matemática com o Dr. João e sofria imensamente quando aqueles olhos negros e grandes olhavam para mim à espera que resolvesse os diferenciais. O que me recordo da juventude são aquelas tardes passadas na casa dos Noronha, entre as aulas de piano da Dona Carmo e as explicações de matemática do Dr. João, com o cheiro acre dos cigarros do Sr. Pedro que ficava impregnado nos sofás da casa. Quantas vezes suspirei por aquelas mãos grandes do Dr. João, que pegavam na caneta vermelha para corrigir o trabalho. Cada visto de certo sabia-me como um beijo quente, cada cruz vermelha como uma palmada nas nádegas que freiriam à espera daquele toque. Depois o Dr. João emigrou para o Brasil, em busca de fortuna. Quis ir com ele, mas não tive coragem de o dizer. Amordacei os lábios quando ele se foi e continuei obedientemente a solfejar as escalas com a Dona Carmo, agora já sem a ansiedade do bater da porta que anunciava a chegada do meu explicador.

Tudo isto foi há mil anos atrás. Graças às explicações de matemática consegui entrar na faculdade e tirar o meu curso de enfermeira. Soube a dada altura que o Dr. João tinha casado no Brasil e foi aí que perdi a paixoneta infantil por aqueles olhos negros de fidalgo pobre e mãos requintadas de pianista pelas quais o meu corpo ansiava. Foi no Natal de 2005 que soube que o Dr. João tinha sido assassinado num assalto no Rio de Janeiro. Estava a meio do meu curso. Depois disso, aquela casa do outro lado da rua definiu como se

atacada pela peste. A Dona Carmo deixou-se ficar na cama, doente, já sem forças para me dar as aulas de piano. Continuei a ir lá passar as tardes de sábado, tocar no piano vertical da sala que dava para o jardim onde os gatos se assanhavam ou se esticavam preguiçosos ao sol. Tocava para a Dona Carmo. Depois o Sr. Pedro chegava do Ateneu, o cheiro a cigarros baratos a anunciar a sua chegada quando ele estava ainda no hall de entrada. Pouco depois a Dona Carmo morreu e fui ao funeral, uma meia dúzia de amigos no Prado do Repouso a dar os seus pêsames. O Sr. Pedro estava ali em corpo, mas acho que ele já não estava ali. Estava muito longe, nas planícies de Angola a matar Leões, a matar os seus fantasmas. Era mais do que um homem podia aguentar. Quatro gerações perdidas. As hortênsias estavam em flor, um azul carregado e exuberante, como de outra época, uma época perdida de um Porto em que o Sr. Pedro ainda vivia, mas agora ultrapassado pelos carros novos, pelo metro que esburacava as ruas da cidade, pelos cinemas que abriam na cidade. A cidade da minha juventude morria, mas uma nova reerguia-se, confiante, uma cidade da qual o Sr. Pedro já não fazia parte. Fechou-se em casa e não voltou a sair. Deram-lhe a reforma nas Águas, mas como ainda não tinha feito o tempo de serviço todo, a reforma mal dava para a renda. O meu pai, que continuava a abrir o café sete dias por semana, deixou o Sr. Pedro ficar na casa do outro lado da rua, por uma renda de 39 euros por mês que ele mal conseguia pagar. Todas as semanas o meu pai ia visitá-lo, deixava-lhe as compras e ficava lá um par de horas a fumar, a ouvir aquela música alta e a falar de África, ou do Porto, ou sabe-se lá de que falavam dois homens velhos, o aristocrata pobre e o comerciante da aldeia que chegara à cidade décadas antes.

Acabei o curso e comecei a trabalhar no Santo António. Quando o meu pai morreu, herdei os dois prédios a cair de velhos cujas rendas não chegavam para pagar as obras de conservação que tanto necessitavam. Fiquei a morar no apartamento do segundo andar e passei a ir eu todas as semanas levar as compras ao Sr. Pedro. Tive uns namorados que trouxe para a cama dos meus pais, com o cuidado de os fazer sair de madrugada para não dar falatórios aos vizinhos. Sou uma rapariga moderna, independente, mas este prédio antigo nos Lóios ainda parece olhar-me criticamente quando trago um homem para casa. Os fantasmas de outros tempos vivem nestas paredes e parecem resistir a um Porto novo que nasce, cheio de turistas, livre e ocioso, de cara lavada. O cinema Batalha definiu e passei a ir com amigas ao Norteshopping ver Hollywood e comer pipocas. Pensei comprar um carro,

mas não tenho garagem e estacionar aqui na Baixa é impossível. Há uns anos começaram a surgir ofertas para comprar os dois prédios. Ofereceram-me oitenta mil euros pelo casebre do outro lado da rua e duzentos mil euros por este prédio. Resisti. Há uns meses ofereceram-me quatrocentos mil euros pelos dois prédios. Meu Deus, uma fortuna. Devia ter vendido. Mas não podia abandonar os inquilinos que viviam aqui, no prédio do meu pai, por cima do café do Sr. António. Recusei. Com aquele dinheiro podia comprar um apartamento bem maior em Matosinhos, perto da praia. Mas gostava de viver aqui, neste pedaço perdido da cidade, na rua escura com esquinas onde trocara os meus primeiros beijos às escondidas dos vizinhos e imaginava que era o Dr. João. Daqui podia ir a pé para o hospital trabalhar, aos sábados podia ir até à Ribeira onde as ruas antigas e rudes da cidade trocavam a chuva granítica e pesada do Norte pelo sol aberto do rio. E gostava de sair à noite para as Galerias, beber um gin com as minhas amigas nesta cidade moderna e antiga, nova e velha, a cheirar a camélias e hortênsias e capas de estudantes.

O Sr. Pedro é um velhinho simpático. Gosto da música que ele coloca enquanto me espia a fazer ginástica, a fumar os seus cigarros fétidos e ásperos, uns maços baratos de tabaco castanho repugnante que lhe deixo com as compras. Quando o meu pai morreu, deixei o café ao cuidado de um dos empregados. Pagavam uma ninharia e sabia que devia cobrar mais, os turistas enchiam o café como nunca o tinha visto. Alguém me disse “ora agora, pobre do Sr. Pedro, quem lhe leva as compras?”. Comecei eu a ir lá. Recebe-me sempre com casaco vestido, mesmo no verão, umas calças pretas coçadas e camisa branca com o colarinho já a esfiar-se. Fala com uma eloquência estranha para um pobre coitado, com uns modos elegantes de outrora. Não deixa de ser uma companhia agradável, nas minhas noites solitárias depois dos dias esgotantes como enfermeira no Santo António. Aquela música ficaria deslocada naquele casebre já meio inclinado e podre, mas por alguma razão fica bem com os gestos contidos e elegantes do Sr. Pedro. Não tem televisão, parece não querer saber das notícias do mundo, desisti de lhe falar de futebol ou de política. Ele é um senhor de outros tempos, com modos elevados que dão compostura às calças poidas e aos cigarros mata-ratos. Já há muito tempo que não trago namorados aqui a casa, aliás em boa verdade já não tenho namorados há demasiado tempo. A vida não dá para isso. Sou um autómato entre casa e trabalho, só aqueles 30 minutos de ginástica ao fim da tarde me dão

sossego na alma, quando estou na varanda com a música alta do outro lado da rua. Os vizinhos já desistiram de o mandar pôr a música mais baixo.

Mas a verdade é que já não tinha idade para este romantismo adolescente. Estava com trinta anos, devia vender os prédios e mudar-me para um apartamento moderno, pensar em fazer família. Mas devo ter perdido a oportunidade. A pandemia abateu-se sem piedade sobre a cidade. Os preços das casas vão cair e nunca mais vou conseguir vender os prédios por aquele valor. Um silêncio opressivo caiu sobre a cidade, onde antes circulavam os turistas agora não se via nada senão as ruas vazias de outrora.

\*\*

Algo estranho se passa nesta cidade. Há menos gente nas ruas. Nos últimos dias, uma calma agressiva abateu-se sobre as ruas à volta do meu palácio. Será que se prepara uma revolução? Os exércitos de Franco estarão perto da fronteira, como outrora, a ameaçar este pequeno e arrogante país? Que venham, esses crápulas. Tenho a minha caçadeira e levo uns quantos comigo se for preciso, mato meia dúzia como se fossem patos. Mas não há ninguém na rua. Silêncio, como o presságio de renascimento que brota da terra em tarde de tempestade, quando as gaivotas fogem do mar de Matosinhos e se refugiam na cidade em antecipação da tormenta. A menina Inês passa agora os dias dentro do seu pequeno apartamento no segundo andar do outro lado da rua, por cima do café do Sr. António onde em tempos eu ia de manhã tomar o cimbalino e ler o jornal. Já não leio jornais. Para quê? Já não há causas por que lutar, apenas barulho, ruído enfadonho e monótono de um mundo automático. Um mundo idiota e fétido em que uns ladrõezecos ignorantes puderam matar impunemente o meu João e depois, sem respeito, levou também a Carmo. Tenho os meus livros e os meus discos, isso basta.

E a menina Inês do outro lado da rua, que agora se enfada o dia todo entre o sofá e a mesinha redonda com oleado às flores. Deve ser um oleado às flores, daqui não consigo ver bem. Ela agora é minha o dia todo, observo-a horas sem fim e fico satisfeito de ver a rapariga descansar. De certa forma não devia deixar os meus criados andarem assim relaxados e sem afazeres, mas deixo passar. Seja... é uma bênção para os meus olhos. Estranho mais o resto do gentio, que já não passa a correr pelas ruas. As pombas desavergonhadas tomaram conta do largo. Os cães vadios são agora os senhores absolutos



dos meus domínios, ruminam pelas ruas a pavonear-se. Um dia pego na caçadeira e abato um, só para lhes mostrar quem manda nestas terras. A culpa é da república, cambada de vadios.

Não, não pode ser Franco. O que assusta tanto as gentes para não se ver viva alma na rua? É abril, faz sol, onde se meteu toda a gente? Será que os angolanos, depois de ficarem com meio império, entregue sem honra pelos comunistas, estão agora às portas de Leixões para invadir a cidade? Tenho que ver se tenho munições. Correram-me de Africa em 76, nem pensem que vão agora ficar com a minha cidade, corro-os a todos com um balázio.

Tocam à campainha. Será ela? Tenho-me descuidado, não fiz a barba hoje. Acho que ontem também não... vou pôr a gravata, olho num relance para o espelho. Ora, é uma criada, parvoíce. Mas melhor pentear-me, um fidalgo não pode ser visto descomposto, mesmo na sua casa. Vou abrir a porta, expectante, mas aparece-me um tipo de óculos e ganga. Fico a olhar para ele, na soleira da porta. Será dos franquistas? Vou buscar a caçadeira, está ali na sala.

- Sr. Pedro, boa tarde. A menina Inês não pode vir e pediu-me para lhe entregar as compras. Foi apanhada pelo vírus, não pode sair de casa.

- O que diz?

- É, má sorte. O bicho apanhou-a e agora não vai poder sair de casa por duas semanas. O vírus anda por aí pela cidade, proteja-se Sr. Pedro, não saia de casa.

E o rapaz foi-se, assim desajeitado. Deixou-me o saco na porta, atirou-o e foi embora como se eu tivesse peçonha. Estes tipos novos. Um bicho pela cidade? Uma fera afinal, não são os franquistas nem os angolanos, é um bicho que anda por aí à solta pela cidade, por isso tem estado tudo tão quieto. Agora percebo. Ora, um bicho. Que raio de besta é essa que mete uma cidade frenética dentro de casa, que cala os pregões das peixeiras, que fecha o café do Sr. António e aprisiona a menina Inês? Até as putas desapareceram das esquinas. Como veio aqui parar este animal? Leões e rinocerontes não se dão por estas paragens. Deve ser um bicho novo. Eu bem disse, eu bem disse. Deixamos esses turistas todos entrar pela nossa cidade e agora algum deles deve ter trazido uma peste. Por estas e por outras é que não saio à rua.

Mas então, se anda por aí uma besta à solta, tenho eu de fazer alguma coisa. Sou um caçador de leões e elefantes, um fidalgo do Porto educado na nobre e valorosa arte da espada, um cavaleiro, sim, um cavaleiro. O meu pai comandou as tropas portuguesas na Flandres durante a Grande Guerra, eu cacei bestas selvagens em África e tentei salvar a dignidade da Pátria não fossem aqueles comunistas terem fugido de Angola como meducas. Há um bicho na minha cidade, nas minhas terras.

Olho pela janela. As ruas estão desertas há dias. A menina Inês continua fechada em casa, agora nem abre a janela para a ginástica das 8h da noite. Se ela não pode vir cá a casa trazer as compras, então não há perigo de eu sair e perder a visita dela. E as ruas estão vazias, limpas, silenciosas. O meu Porto silencioso, amordaçado, aterrado por uma besta que anda por aí à solta. Visto o meu casaco caqui, as botas de caçador, meto o facalhão do mato na cinta das calças e pego na caçadeira. Vou sair. Há anos que não saio para não me misturar com o lixo da cidade, mas agora o meu Porto precisa de mim.

Fecho o grande portão da casa. A rua vazia parece rir-se de mim, troçar de um capitão sozinho em missão heroica de salvamento. Fugam plebeus, metam-se em casa. Dom Pedro de Noronha está bem firme, ponto para proteger a sua cidade dessa besta demoníaca que aqui chegou e amedronta até os rapazinhos que costumavam encher a praceta de risos ao fim da tarde, no regresso da escola.

Deambulo pela cidade vazia, subo os Clérigos, viro para Cedofeita. Está linda e luminosa, com camélias em flor. Ainda espreito na Praça da República, a ver o quartel. Tem lá os soldados, mas está tudo deserto. Desço para a Câmara e continuo até à Trindade. Passo os azulejos azuis da Capela das Almas e desço Santa Catarina. Mesmo aqui não se vê viva alma. O que se passa, que bicho é esse que silencia o bulício desta cidade sempre tão ruidosa e alvoroçada? Já devo estar a caminhar há horas, vê-se ali adiante a Batalha, desço 31 de Janeiro e espanto-me a cada passo. Esta cidade está diferente. As casas renovadas, pintadas, vitrines e restaurantes e anúncios de teatro e música. Os buracos na rua estão tapados. Que linda esta cidade que já não via há tantos anos. O que passou por aqui? Até a Rua das Flores está tão chique, ali a abrir-se para a Bolsa e para a Ribeira. Nada mexe na cidade, não há rufiões na Ribeira nem comboios em São Bento. Vou até ao rio, as águas passam indiferentes ao terror dos homens. Fico ali um pouco, mas do bicho nem sinal.

Quem vem ali? É um grupo que vem a correr, em formação, dois metros entre cada um, passam por mim a correr. Serão soldados? Estranho, de calções e camisola, sem qualquer arma. Decido encorajá-los e grito-lhes.

- Força, soldados, vamos matar o bicho!

Eles viram-se para mim, com um sorriso conspiratório, e respondem-me:

- Vamos matar o bicho!

Subo até aos Aliados. Nas janelas das casas e das lojas, há por todo o lado imagens de arco-íris em várias cores. Será uma marca para afastar o bicho, como os judeus no Egipto outrora pintaram as portas com sangue de cordeiro para afastar a décima praga divina? Esse anjo da morte que anda pela cidade a matar primogénitos das famílias que não sacrificuem o cordeiro de Deus. Ou será outro tipo de marca, um sinal de comunicação entre os soldados que preparam as defesas da cidade?

Está a ficar noite. Sento-me uns instantes num banco da Praça da Liberdade, onde outrora estivera o Café Imperial e agora se impõe uma letra amarela de fast food, que não sendo deselegante, tem um apelo demasiado fácil, imediato, inconsequente. A águia imperial, outrora orgulhosa e desafiante, não é hoje mais do que aquilo que é, uma estátua fria e morta. Fecho os olhos, a ver se ouço o rugir do bicho que amedronta a cidade e foge de mim.

Aqui da Praça da Liberdade até à Câmara estendia-se em tempos o pomar do Infante D. Henrique, que aqui nasceu e daqui partiu aos vinte anos para a conquista de Ceuta, levando toda a carne como provisões – que as gentes do Porto entregaram, ficando apenas com as tripas dos animais, envergando desde então com orgulho o nome de Tripeiros com que se quiseram batizar.

Sinto que me abanam. Abro os olhos num solavanco e vejo à minha frente um monstro de barba desgrenhada, sem rosto. Onde devia estar o nariz e a boca, há um enorme retângulo azul, uma boca enorme e sem dentes, só azul, um buraco que se aproxima de mim para me devorar. Tento chegar à faca de mato para me defender, mas o monstro segura-me pelos braços.

- O que faz aqui? Tem casa?

O que quer este idiota? Será que não sabe quem eu sou? Este monstro de bocarra azul desdentada, barba desgrenhada. Que monstro é este, animal de que selva urbana?

\*\*

O velho era demente. Dizia que vivia numa mansão enorme, que se chamava Dom Pedro qualquer coisa e se não o largasse os seus criados viriam em seu socorro. Vestia um casaco caqui roto nas mangas, umas calças pretas presas com um cordel e no bolso um canivete que tentou apontar-me à cara. Não reconhecia o velho. Apesar de fazer a ronda dos pobres pela baixa da cidade já há vários anos, nunca o vira. O velho resistiu e esperneou, mas estava fraco e acabou por se deixar arrastar para o abrigo temporário que a Câmara tinha aberto para recolher os sem abrigo durante a pandemia.

\*\*

O bicho apanhou-me. Ou melhor, deixei-me apanhar. Foi uma estratégia. Suspeito que não seja um bico isolado, mas um exército que tomou conta da cidade e este era apenas um soldado raso. Não me enganei. Levou-me para um campo de detenção junto com outros prisioneiros e veio uma besta feminina, mas com a mesma bocarra azul desdentada que me tentou meter um líquido pela boca. Era sopa, dizia ela. Sopa o tanas. Devia ser uma mistela venenosa para me fazer divulgar os segredos da cidade. Eu sei onde são as portas das muralhas fernandinas, tenho as chaves da Câmara que durante o ultramar a cidade me deu em reconhecimento dos meus atos heroicos. Da minha boca não levariam nada, que me torturassem à vontade. Não vou vergar até chegar ao líder destes animais.

Estou aqui há dias e começo a pensar que são talvez marcianos. Vi que o homem chegou à lua, os americanos. Mas os russos também andavam por lá e se calhar aqueles comunistas juntaram forças com uns ovnis para invadir o mundo. Será que ainda era aquele bêbedo do Boris Yeltsin? Um bêbedo daqueles, em cima do tanque, podia bem vender a alma ao diabo ou aos marcianos para tentar conquistar o mundo. Mas se já estavam em Portugal, então a Europa caíra toda? Como Napoleão, este vírus comunista marciano varreu a Europa toda até chegar ao Porto, e aqui seria derrubado. O outro ainda chegou a Torres Novas, mas este daqui não passa. Só tenho que esperar até chegar ao general dos bichos.

Não precisei de esperar muito. Veio uma mulher-soldado vestida de branco com uma bocarra azul enorme (só mesmo comunistas para terem mulheres na linha da frente, bestas) e espetou-me uma agulha no braço. Se pensam que com isto me derrubam, estão muito enganados. Mas tirou-me sangue e levou-o. Estariam a fazer experiências, como os Nazis faziam nos campos de concentração? Regressou no dia seguinte e disse a outro marciano comunista que estava infetado, e levaram-me dali para o quartel general. Devia ser uma nave de marcianos, cheia de soldados vestidos de branco com bocarras azuis desdentadas, sempre abertas, cavernosas, como se devorassem o mundo em cada golfada de ar. Feios, desdentados e sem nariz. Deitaram-me numa cama, havia imensas, e ligaram-me uns aparelhos.

Se a menina Inês também tinha sido apanhada pelo bicho, devia estar por aqui. Quando tentei procurá-la, desesperado, entre as camas de pessoas deitadas e amedrontadas, um soldado de branco agarrou-me e desde então estou preso à cama. Foi então que o chefe veio ver-me. Deve ter-se sentido ameaçado por Dom Pedro de Noronha, fidalgo da nobre e invicta cidade do Porto, caçador destemido de bestas e marcianos. Veio hoje de manhã à minha prisão, a esta cama onde me mantêm amarrado. Tem a mesma bocarra azul dos outros, a mesma armadura branca, mas por cima da boca azul envergava um capacete de vidro eu lhe cobria a cara toda. Colocou umas mãos azuis enormes na minha cara, olhou-me como se me quisesse meter medo, abriu-me os olhos e deve ter visto uma alma grande e destemida lá dentro, porque pareceu receoso. Depois, em jeito de vingança, meteu-me um pau pelo nariz e escarafunchou. Raio de animais, nem sabem lutar com dignidade. Deve ser uma técnica de tortura. Mas nada, não vai levar nada. E agora já sei quem és, marciano filho da puta comunista. Soltei-me num arremesso que deixou o general marciano surpreso, saquei da grande espada que tinha escondido por baixo da almofada, e cravei-a de um só golpe na testa da besta, entre os olhos. Esse é o ponto fraco de qualquer armadura, e atingi-o em cheio. Um sangue esverdeado e viscoso escoria-lhe pela armadura, sangue de lagarto, morre bicho, morre às mãos de Dom Pedro de Noronha, libertador da cidade e do país. “Não passarás! Não passarás! Do Porto não passarão impunes, não enquanto esta for a minha cidade”. Ainda tentei acertar-lhe outra no coração, mas o bicho fugiu acobardado, que general foge assim da luta?

\*\*

O Sr. Pedro, paciente da cama 26, é um velho lunático sem sítio onde cair morto. Perturba as enfermeiras com as suas birras e delírios e importuna os outros pacientes, à procura da “menina Inês”. Tem uns sintomas estranhos. Apesar da análise ter dado positiva, continua sem sinais da doença, mas parece afetado por qualquer outra paranoia. Nas manhãs em que faço a ronda da enfermaria, encontro-o alagado em suor, o peito e cara vermelhos de se bater com os punhos cerrados, como se combatesse um inimigo imaginário. Tinha os seus moinhos, este Quixote de barba áspera e voz rouca. Há dois dias, quando o médico veio vê-lo e tirar um esfregaço para novo teste, ele ficou de tal forma agitado que foi preciso eu e outro colega enfermeiro segurá-lo à cama. E ainda assim o danado do homem cuspiu para a viseira do Dr. Nunes, um cuspo esverdeado e viscoso que escorreu nojento pela viseira. O velhote gritava umas coisas incompreensíveis enquanto tentava livrar-se de nós para chegar com as mãos ao médico, mas ainda bem que o Dr. Nunes é bastante calmo. Afastou-se sem uma palavra, deixou o esfregaço na câmara frigorífica e foi tirar a viseira. Injetei um calmante para o Sr. Pedro adormecer. Apesar de tudo, todos na enfermaria temos um carinho especial por este velho louco, é dos que luta em vez de se afundar numa neblina de desespero. Vi outros a desistir de viver. Este velho agarra-se à vida com a vontade feroz dos que têm uma missão para cumprir.

E não é que o velhote se safara!? Chegou hoje de manhã o resultado do segundo teste e estava mesmo curado, tinha vencido o vírus. As coisas do almoço já foram retiradas, vou agora falar-lhe para dar a notícia. Não sei se o velhote terá algum sítio para onde ir ou quem tome conta dele, porventura nem ele próprio sabe já.

- Sr. Pedro, o senhor é um homem rijo. Já não há sinal do vírus, parece que se curou.
- Matei-o, eh! Ah ah ah ah... matei o bicho.
- É isso mesmo, Sr. Pedro, matou o bicho.
- Então e o que vão fazer vocês todos agora que o general morreu? Deixem-me sair daqui.
- Ouça, tem casa onde ficar? Quer que alguém o leve?

\*\*

Olha esta marcianazinha comunista, a ver se me engana. Matei-lhe o general, mas ainda deve pensar que o bicho pode regressar. Nem penses que te vou dizer onde é a minha casa.

- Ah, sim, sim, tenho uma casinha pequenina ali na Rua Formosa, vou de autocarro, não se preocupe.

- Muito bem, mas vá com cuidado, proteja-se.

Quanto tempo estive eu refém no quartel general dos bichos? A cidade está diferente. Há pessoas nas ruas, famílias que se passeiam com ar de vitória. A cidade rejubila. Acho que estou perdido, mas vou caminhando até encontrar um ponto de referência. Mas que importa? Tinha vencido, esta Invicta tinha vencido o bicho. E fora ele, Dom Pedro de Noronha, que espetara a sua grande espada de caçador de leões e elefantes no meio da testa do general dos bichos. Vira o seu sangue verde e viscoso escorrer-lhe na cara, não resistira ao ataque certo. O sol quente do início da tarde bate-me na cara e aquece o coração. Será já maio? Avistei um jardim de camélias que reconheço. Estou na Quinta da Prelada. Olhei com saudade para o brasão de armas da família Noronha e Menezes e as duas sereias que coroavam a entrada da Casa onde os meus avós tinham vivido até início do século, quando D. Francisco de Noronha e Menezes doara a Casa à Misericórdia para aí instalar um hospital. O jardim das camélias era dos mais bonitos da cidade. Ainda tenho um bom par de horas até casa, nos Lóios, junto à Sé. Fui descendo pela Constituição até à Boavista. Esta cidade nova surpreende-me. Está de cara lavada, mais vibrante, não aquela cidade morta e ensimesmada de que fugira há mais de dez anos atrás para me refugiar em casa. As pernas cansam-se, mas estou tão feliz. Esta é a minha volta da vitória, um general triunfante a percorrer a minha cidade para aclamação dos seus súbditos. Nas sarjetas e nas esquinas vêem-se uns restos azuis por todo o lado. São... são as mãos dos marçianos, por ali espalhadas, a cidade tinha-lhes cortados as mãos azuis e despejado pelas ruas. Um pouco grotesco, mas assim é a vida. Aos vencedores os despojos da vitória. O bicho morrera e as mãos azuis cortadas estavam espalhadas pela cidade alegre. Já deve ser maio, um sol brilhante abre-se para festejar e brindar de luz a morte do vírus marçiano de mãos azuis e bocarra azul desdentada.

Chego aos Leões e sento-me na fonte para beber o sol da tarde, a ver passar as pessoas. Tudo ficara bem. Tinha matado o bicho. Viro-me respeitoso para a Torre dos Clérigos e bato

continência, como uma saudação ao seu arquiteto, Nasoni, o mesmo que desenhara a casa dos avós na Prelada. Passo satisfeito em frente da livraria Lello, que linda está, renovada, fresca, com livros nas vitrinas – há uns anos estava decrépita e vazia, ameaçada pelas cadeias que vendiam livros ao quilo como se a cultura fosse um saco de batatas, mas afinal a velha e linda Lello sobrevivia, bate ainda forte no coração da cidade. Em tempos tinha sido a sua igreja. Nunca fui religioso, para desgosto da Carminho. Música e livros são a minha paixão e refugiava-me aqui na Lello horas sem fim, em êxtase e oração naquele templo de uma cultura sólida, pesada, dura. Costumava vir aqui rezar aos meus Sá Carneiro, Pessoa, Torga, e claro, à grande Sophia, a nossa Sophia que trazia o mar para dentro de mim. Vinha sempre ao sábado, quando a baixa se esvaziava dos gentios e dos homens de negócios engravatados e se abria silenciosa como uma amante paciente.

Ainda pensei ir à Sé ver a cidade espriar-se pelo socalco até ao rio, mas estou cansado. Fui para casa, o meu palacete senhorial nos Lóios. Entrei, tirei o casaco e pousei a espada. Perdi a caçadeira, o bicho deve ter-ma tirado. Danado. Dirigi-me à janela e olhei para o pequeno apartamento do segundo andar do outro lado da rua. Estava vazio, não se via ninguém. Ainda esperei, sentado no sofá a olhar para o outro lado da rua, mas a menina Inês devia ter saído. Claro que sim, claro que sim. Ele matara o bicho, a cidade estava de novo segura e ela tinha certamente saído para festejar. Ao fim da tarde vi-a entrar, pousar umas coisas no chão e passado uns 20 minutos regressou à sala. Abriu a janela para a sua ginástica. Ah, como era bom, tudo estava bem! Coloquei o meu disco, um Bach celestial e ensolarado para brindar o branco que a menina Inês vestia. Pus o volume no máximo e fiquei a vê-la alongar, esticar, fazer isto e aquilo com o seu corpo jovem e ágil. Sou velho, mas este corpo velho matara o bicho.

Não tive que esperar muitos dias até a menina Inês vir visitar-me e trazer as suas compras da semana.

- Sr. Pedro, fico contente por o ver, soube que esteve doente. Eu também, mas felizmente ambos conseguimos ver-nos livres do vírus.

- É verdade, menina Inês, aqueles bichos tentaram levar-nos ambos, mas agora está tudo bem.



- Cuidado, Sr. Pedro, não saia muito, é preciso continuar a ter cuidado.
- Não se preocupe, menina Inês, pode ficar tranquila, o bicho morreu.
- Espero que sim, espero que sim...
- Eu sei que sim. Sabe... fui eu que o matei, menina Inês, fui eu que matei o bicho.

Ela foi-se embora. Estou tranquilo. Hoje ao fim da tarde vou voltar a vê-la fazer ginástica na varanda, hoje gostava que viesse de roxo, tenho saudades do Rachmaninov, é Russo, mas fugiu dos comunistas para a América. E faz-me chorar, aquele piano virtuoso e transcendental. Vou-me sentar aqui um pouco, na minha poltrona de couro, e fumar um charuto. Ficou tudo bem. Vou fechar os olhos até logo à tarde.

\*\*

O Sr. Pedro fechou os olhos, em paz. Ao fim de mais de dez anos de reclusão, redescobrir a sua cidade e reconciliara-se com ela. Tinha sido preciso um bicho medonho para pôr fim ao seu confinamento e sair à cidade. Quando todos se fecharam para a cidade, a cidade abriu-se para o Sr. Pedro. Não voltou a abrir os olhos, já não havia mais nada que valesse a pena fazer. Estava satisfeito, contente.

Uma semana depois a menina Inês encontrou-o morto no seu casebre pobre, sentado num sofá esburacado e coçado, o cinzeiro no colo com os restos de um cigarro barato mata-ratos.

*Porto, maio de 2020*

**Karlos K.**

<https://karlosk.com/>

<https://www.facebook.com/karlosk.escritor>